

# Derrotados, mas ainda à espera de um milagre.

Um dia depois dos brasileiros terem ido às urnas, alguns candidatos já estão sendo apontados como os prováveis concorrentes ao segundo turno da eleição à Presidência. Porém, a única certeza, até agora, são os nomes dos que não irão para a fase final. Ontem, nos comitês eleitorais de alguns destes candidatos, o clima era de certa tristeza, embora não assumida. Todos insistiam em dizer que a eleição não está perdida e que seus candidatos conseguiram uma certa vitória frente à derrota.

"O PMDB é um partido superorganizado. Não é por ter perdido uma eleição que tudo vai acabar", afirmou Sônia Morgenstern Russo, assessora de imprensa do Comitê Central de Ulysses Guimarães, na Rua Curitiba, no bairro do Ibirapuera. Ela diz que, mesmo com as pesquisas eleitorais desfavoráveis a Ulysses Guimarães, as pessoas envolvidas em sua campanha à Presidência da República sempre acreditaram que ele chegaria ao segundo turno. "Em outras eleições houve surpresas de última hora e isso poderia acontecer agora, também."

Segundo Sônia Russo, a não eleição de Ulysses Guimarães se deve a um erro de avaliação por parte da população, que não soube pesar o momento político que o País está vivendo. "A população embarcou no modismo do Collor, um candidato que não tem história", afirmou.

## Nervosismo

Tensão, nervosismo e tristeza eram as marcas registradas do Comitê Central de Paulo Maluf, na rua Venezuela, Jardim América. Mesmo com as pesquisas eleitorais descartando Maluf como um dos possíveis candidatos ao segundo turno da eleição, os militantes do PDS não se conformavam com a derrota.

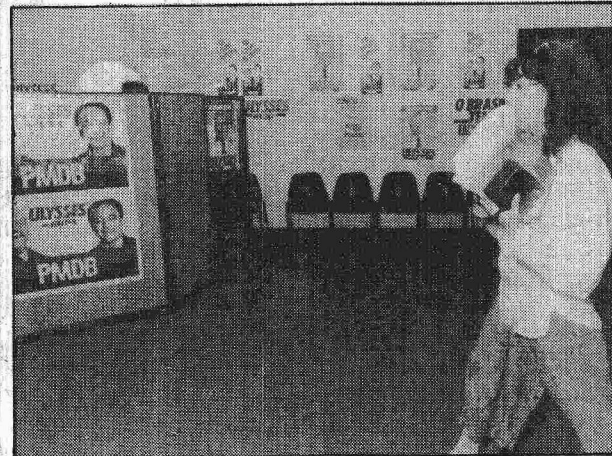
"O Maluf é maior do que as derrotas.



Fotos de Luludji/AE



Os comitês dos perdedores, vazios, mas com a esperança de uma surpresa.



Ele ganha porque disputa as eleições, ou seja, por ter participado. Dessa forma, está dando a sua contribuição ao processo democrático brasileiro", disse Nasser Rajab, filiado ao Diretório do PDS do Jabaquara. "O momento de tristeza é rapidamente substituído pela determinação de uma nova disputa, sempre no sentido de aprimorar o processo democrático."

Tínhamos convicção de que passaríamos para o segundo turno. Mesmo com os institutos de pesquisas não apontando Maluf como o favorito acreditávamos que poderia acontecer uma surpresa de última hora, como ocorreu na eleição para a Prefeitura de São Paulo, no ano passado — avaliou Rajab.

Quanto ao nome do candidato que Paulo Maluf irá apoiar para o segundo turno, Rajab afirmou que "isso será decidido através de uma consulta a todo partido, de Norte a Sul do País. Precisamos agir dessa forma porque as pessoas acreditaram na nossa campanha, e agora têm o direito de indicar o candidato que gostariam que fosse apoiado por Maluf".

"Não quero ver um comunista lá", afirmou Marcos Ricardo Correa, que, além de fazer boca-de-urna para Maluf, desempenhou também a função de fiscal pelo PDS durante a apuração. "Temos que nos contentar com a derrota, mas não quero que o Lula ganhe, ele não tem capacidade para governar o Brasil. Para mim, o Maluf ganhou essa eleição, pois no Brasil não tem ninguém com a capacidade que ele possui."

## Esperança

O Comitê Central de Mário Covas em São Paulo, na avenida Nove de Julho, Itaim, vivia ontem um clima de festa. A esperança de ver o candidato do PSDB disputando o segundo turno era maior do que a realidade dos votos já apurados. "Temos ainda esperança de chegar ao segundo turno", confessou Edson Tomaz, membro do Diretório Estadual do PSDB e um dos coordenadores da campanha de Mário Covas. "Mas, qualquer que seja o resultado final da apuração, o PSDB só ganha com ele. Porque foi um partido com uma militância ativa e com garra, que con-

seguiu colocar 20 mil pessoas nas ruas de-baixo de chuva."

Porém, ao lado dessa posição otimista de Edson Tomaz, alguns militantes já estavam discutindo ontem qual o candidato que deveria ser apoiado no segundo turno. As posições estavam bem divididas. Alguns achavam que o PSDB deveria apoiar o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Outros repudiavam totalmente esta possibilidade e preferiam qualquer outro candidato. A cúpula do partido, porém, preferiu ter uma posição mais cautelosa.

— O Brasil ainda não tem uma tradição em eleição com segundo turno. Por isso, qualquer negociação que fizermos com outros candidatos terá que ser executada com transparência. O povo já está cansado de atitudes tomadas às escuras — acrescentou Tomaz. O PSDB nasceu com a vocação para o poder, mas não o poder pelo poder. Temos que estudar qual é a posição mais confiável para ser apoiada, que não entre em contradição com o PSDB. Ou, então, ficar na oposição.